

«Defense Will Not Win The War»

W. F. Kernan, Lt. Col. U. S. Army

Tradução e adaptação pelo

Major ADALARDO FIALHO

Livro sensacional pela franqueza com que examina os acontecimentos da atual guerra mundial, "Defense will not win the war", de autoria do Ten. Cel. KERNAN, do Exército americano, recebeu da imprensa yankee elogios como este: "Todos os que têm olhos para ver, deviam obter uma copia deste livro". Nele, o autor, que visa esclarecer a opinião pública de seu país, examina as causas das sucessivas derrotas das democracias, nos primórdios da guerra, buscando sua explicação no espírito defensivo que impregnava tanto os políticos como os militares da época; condena a subordinação dos problemas militares aos interesses políticos dominantes, com o sacrificio de milhares de vidas; reivindica a reabilitação da estratégia ofensiva, arrancando-a do estado de degradação a que a mentalidade do "concreto armado" (Linha Maginot) a relegou; pleiteia maior independencia do "Chefe" de seu "Estado Maior", não devendo a capacidade de tomar decisões daquele submergir nos detalhes deste; põe por terra falsos conceitos estrategicos como a inexpugnabilidade de uma Inglaterra com a supremacia dos mares e o mito da defesa; escalpela políticos e generais, mostrando, atravez de revelações sensacionais, as suas fraquezas e as suas ambições e pondo-os no seu devido logar diante da história; ataca a assimilação da conduta da guerra dos estadistas ingleses os metodos comerciais dos

plutocratas de "Wall Street", afirmando que, para defender a Malasia, não basta cabografar destacando o "Renow" e o "Repulse" para reforçar Singapura, como uma casa bancária matriz transferiria fundos para socorrer uma filial á beira da bancarrota; grita contra a incompreensão dos verdadeiros objetivos da guerra, limitando-se as democracias a ocupar a periferia das posições chaves do mundo, com o absurdo de se ver acontecimentos decisivos para a sorte da civilização ocidental estarem se ferindo nas selvas da Birmania, nas ilhotas do Pacifico e nos areiais do Norte da Africa; e finalmente aponta á Nação todos os perigos de uma Nação em guerra de coalisão, devassando os bastidores da guerra passada, onde Clemenceau lutou contra Foch para não dar ao Exército americano um "front" independente e um "Comando" destacado, chegando ao extremo de pedir a remoção de Pershing.

Pela sua oportunidade e pelo fundo de verdade que encerra, o livro do Cel. Kernan, o mais tremendo libelo contra homens e fatos da atualidade, deve ser lido pelo nosso Exército, principalmente agora que o Brasil se prepara para mandar um Corpo Expedicionário para campos de batalha extra-continentais. Neste artigo, procuraremos resumir o que ele contem sobre o que chama de Estado Maior complexo", reservando-nos para, em outro, ainda mais interessante, traduzir o que encerra sob o titulo "Os perigos da guerra conduzida por juntas militares" (em guerra de coalisão).

Por volta de 1934 De Gaulle, prevendo o conflito com a Alemanha, tinha apontado a futilidade do plano, de defesa francês, apesar de baseado nas fortificações da Linha Maginot, dada como inexpugnável e no poder marítimo inglês, também tomado como invencível.

Mais ainda, observando a paixão germânica no planejamento de cuidadosas ofensivas, concluiria que, contra a eficiência e a atenção para o detalhe dos alemães, nenhuma defe-

passiva sustentada por bloqueio marítimo poderia fornecer a solução.

No "Exército do Futuro", ele escrevera: "O adversário ativo, um organizador metódico, excede-se em empregar assaltos extremamente violentos no começo da luta. Os defensores, permanecem inativos, vêm-se logo surpreendidos, imobilizados e flanqueados; ao contrário, si são moveis e empreendedores, tomam a iniciativa. Esta é a unica atitude a adotar diante dos germânicos que, inexcediveis em executar planos preparados, largam a sua presa logo que atacados de modo que não esperam, incapazes de se adaptarem a circunstâncias imprevistas. Porem o mito da defesa havia ganho tal extensão nos Estados Maiores francês e inglês, que a voz de De Gaulle era como si ecoasse no deserto. E' importante notar, entretanto, que já 40 anos antes o Ten. Cel. Ferdinand Foch, instrutor na "École Supérieure de la Guerre" pregava a mesma doutrina. Em seu livro "A conduta da Guerra", publicado em 1892, Foch salientava 2 pontos :

a) a ofensiva estratégica germânica é inteiramente dependente de cuidadosa preparação, feita em concordancia com uma situação preconcebida e resultando numa inevitavel "batalha de hipoteses", isto é, uma batalha na qual o inimigo, admitido na defensiva, é condenado á derrota assim que faz o que se espera dele;

a resposta á "batalha de hipoteses" é a "batalha de manobra", na qual a ofensiva, desabrochando em toda a sua gloria, salta da concentração estratégica como relampago de uma nuvem de trovoadas.

Perturbar, pôr fóra de eixo os planos dos estrategistas alemães, cuidadosamente preparados, é derrota-los. Pois "as mulas de Frederico, diz Foch, nunca se tornaram cavalos; depois de século e meio de constante, incessante esforço, elas ainda permanecem mulas".

Tal doutrina é hoje temeridade, para os criticos militares nutridos na estrategia de concreto. Já, Napoleão tinha dito a mesma coisa: "os Generais austriacos são bons generais, porém vêm muitas cousas. Quanto a mim, vejo somente uma cousa: as massas inimigas. Estas, ataco-as, na certeza de que, com a sua derrota, tudo o mais cairá em minhas mãos". E Napoleão tinha tambem entrevisto as mesmas dificuldades, na arte de comando, que foram dadas como intransponiveis pelos comandantes aliados de 1939 :

"Que força de vontade e grandeza de alma é necessária para ordenar uma destas decisivas batalhas sobre a qual depende a sorte de um trôno, uma dinastia ou uma Nação ! — a necessária decisão muitas vezes falta ! Foi precisamente o que aconteceu em 10 de Maio de 1940, quando os Exércitos Germânicos cruzaram a fronteira da Bélgica, Luxemburgo e Holanda.

A necessária decisão faltava ! Nem Gamelin, nem Gort, nem Corap. podiam reunir a indispensavel força de vontade para dizer: "Aqui, no terreno escolhido por mim, no tempo determinado por mim, sob condições impostas ao inimigo por mim, uma batalha será travada, a qual decidirá a sorte da Europa para os próximos mil anos". O resultado foi que Hitler o disse. Por 20 anos o Estado Maior das democracias tinha elevado aos pináculos do ridiculo o estridente "Attaquez" de Foch. Por 20 anos havia sido ensinado, na Inglaterra e na França, que ha qualquer cousa inherentemente errada a respeito de um ataque lançado na expectativa de uma vitoria decisiva, porque ele correria o risco de uma derrota decisiva. Os estrategistas britânicos, impregandos pela noção de "responsabilidade limitada" e a supremacia do poder maritimo, os táticos francezes que tinham relegado as idéias de De Gaulle para o limbo das concepções "visionárias", tinham todo concordado em que a antiga máxima "Dans l'amour et dans la guerre, toujours l'audace" estava errada. Resultou de tudo uma sorte de guerra na qual os generais recusavam-se a tomar a iniciati-

va, baldos da vontade de assumir a responsabilidade de ordenar um ataque.

Por isso a iniciativa, a móla mestra da vitoria, passou ás mãos do inimigo.

Ha um ponto aqui que deve ser aclarado para todos os cidadãos americanos, porque a propria segurança da República está envolvida nele. Não é sómente o peso de metralha ou efetivos lançados contra um objetivo cuidadosamente escolhido, dentro de um plano igualmente cuidadoso que constitue a infalivel receita para a vitoria.

Não basta apenas reunir u'a massa apropriada de tanques, bombardeiros, artilharia e infantaria e atira-la contra o centro ou flanco do inimigo, afim de ganhar uma batalha de 1.^a classe. Em outras palavras, a estratégia é alguma cousa mais do que a simples aplicação da força e mesmo tática é mais do que mecânica aplicada. Manda a verdade que se diga que os ferreiros, desde os dias de Frederico o Grande até Hitler pensam assim e devem as suas vitorias á inabalavel devoção a este conceito. Já Foch dizia que "A arte da guerra não consiste em arremessar-se contra o inimigo como um touro cego". Nem consiste, acrescentamos nós, em construir uma linha de trincheiras, com ou sem concreto e embazamentos de aço e decidir manter-se nela a todo o custo. Na defesa, como no ataque, as 3 variaveis estratégicas, tempo, espaço e força devem ser ainda corretamente combinadas. E' facil para um general o "mantenham-se", "Eles não passarão", como Pétain disse em Verdun ou apelar para cada soldado para "morrer antes que ceder uma polegada", como Weygand disse em Sedan. Porém, em tais casos, toda a iniciativa passa ás mãos do inimigo e a arte do comando torna-se pouco mais do que uma questão de transporte de munições e de ordens ás reservas. Si a linha mantem-se, como se manteve em Verdun, ou quebra-se, como se quebrou em Sedan, depnde das qualidades nativas de

uma raça, daquele indefinível imponderável da guerra chamado "moral". Porém, ganhas ou perdidas, tais batalhas, chamadas "batalha de soldado", com a sua inútil carnificina, constituem a mais grave acusação que pode ser formulada contra a arte do comando. E foi aqui que o "comando" das democracias fracassou em 1940 e 1941, debaixo das "Panzer" de Hitler. Devido a uma concentração excessiva sobre funções puramente de Estado Maior, tinha havido, na França e na Inglaterra, uma tendência para submergir o comando no trabalho de seu Estado Maior. Ninguém negará que qualquer comandante digno do nome não dependa de seu E. M. Porém ha uma carga que ele deve sempre carregar decisão. E é nisto que a estratégia franceza e ingleza tem "fracassado na atual guerra. Os planos mais cuidadosamente preparados, feitos pelos mais eficientes Estados Maiores, não fornecem uma solução para o problema apresentado por um inimigo agressivo e altamente movel. Do que se necessita é de uma decisão que encare os elementos essenciais da situação. Porém, atolado em planos que não mais correspondiam ás realidades do momento, cego e estorvado pela corrida precipitada dos acontecimentos, que os E. M., por falta de tempo, não podiam acompanhar, o Alto Comando aliado abdica.

Os exércitos de Gamelin e Gort são tangidos como carneiros. Depois de citar Napoleão, que não se apegava a planos de operações, embora os previsse, Kerman exclama: pois depois de todas as disposições táticas prontas, depois da munição ter sido reunida e o horario do combate distribuido, a vitoria é ainda o fruto de u'a manobra executada "durante o curso de uma batalha", manobra que, possivelmente, não pode ser encarada até que o inimigo seja encontrado e ainda aqui, não será o resultado de um plano preconhecido. Se como diz Foch, "a chave da vitoria está pendurada na tenda do comando", é porque somente ele é capaz de reunir, com uma decisão fecunda, todos os desenvolvimentos de uma situação que, depois de tomado o contáto, está destinada a sofrer radi-

cal mudança. Porém os generais francezes e inglezes não tinham sido instruídos nesta escola. É infantil procurar as razões de Dunquerque e de Sedan nos erros dos ministros inglezes ou na disputa dos politicos francezes. As derrotas aliadas eram derrotas militares e não politicas ou economicas. Depois de examinar homens e fatos que intervieram nessas derrotas, Kernan afirma: si nações podem ser assim tão facilmente destruidas na guerra moderna, é já tempo de aprendermos alguma cousa a respeito disso. Tiremos um lição. Não nos deixemos afundar na mentalidade do Estado Maior complicado, adstrito a planos preconcebidos, buscando a vitoria somente em previsões, incapaz de tomar riscos e que se recusa a avançar até que todo o perigo esteja removido.

A vitoria precisa antes de tudo de um Chefe, de um Chefe que encare o seu E. M. não como uma camisa de força, porém, como um instrumento que não lhe estorva e o poder de vontade para tomar decisões.



disposição, para o trabalho, memória prontamente alerta, são coisas impossíveis quando não se têm reguladas as funções digestivas.

O "Sal de Fructa" ENO é o regulador ideal do sistema intestinal.

Não sendo em vidros, não é "Sal de Fructa".



ENO "SAL DE FRUCTA"

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*) ...	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Ben- to Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertol- do Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Em Torno da Defesa de Porto

Major NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

Colocado em seus devidos termos, o problema da defesa de portos nada mais é do que um caso particular da defesa costeira, porém, considerando em menor escala e no qual, feita a devida transposição dos parâmetros, ou melhor, “*Mutatis mutandis*”, como diziam os latinos antigamente, representa no amplo quadro da defesa litoral, papel semelhante ao de um quartirão no âmbito de um setor ou sub-setor, quando se considera o *escalonamento* das diferentes zonas de ação em que se reparte uma determinada área de terreno que se quer defender. Mas, se considerar a questão do ponto de vista *meios*, a defesa é bem profunda, pois, o quartirão é apenas o nome que toma a zona de ação atribuída na defensiva a um batalhão com seus elementos orgânicos, ou reforçados, ao passo que a expressão defesa de porto designa, em sua máxima amplitude, o conjunto de medidas que se tomam desde o tempo de paz, para a vigilância e defesa não só de cada porto, considerado de *per si*, mas ainda das suas utilidades e áreas adjacentes.

A extensão da zona a defender em determinado porto é função de vários fatores. Apesar do progresso atingido pelos meios de defesa modernos, o par dos constantes aperfeiçoamentos introduzidos na indústria bélica, as possibilidades dos desembarques aumentam dia a dia, não sendo aconselhável fixar uma zona muito extensa. Mesmo que os meios sejam reforçados, as dificuldades para o comando aumentam na razão direta da largura das frentes e isso por várias razões fáceis de perceber. Em primeiro plano, avulta a questão das ligações e transmissões, que constituem a chave de toda e qualquer ação

de comando. Quanto maior for a frente a defender, tanto mais complexas se vão tornando as ligações e, em função destas, aumentam as complicações em torno dos meios de transmissões a utilizar. Além dessas questões, ligadas á necessidade de facilitar o exercício de comando, seja qual for o escalão considerado, ha que vêr, também, o problema dos reabastecimentos e transportes. E, para culminar nisso tudo, aparece, por fim, o problema das reservas, que não pode ser desprezado em nenhuma situação, quer ofensiva, quer defensiva. O emprego das reservas depende, entre outras coisas, de dois fatores: o de sua localização adequada e o de sua chegada oportuna ao lugar em que essa mesma reserva deve agir. Ora, como é facil de conhecer, o problema do emprego das reservas torna-se cada vez mais delicado com o aumento das frentes de combate, a menos que se disponham de vias de comunicações abundantes, convergindo diretamente para os pontos mais importantes da frente e que os meios de transporte existentes sejam de tal ordem e em tão grande número, que tornem facil a chegada oportuna das já aludidas reservas aos pontos convenientes.

Além disso, impõe-se, também, outra consideração, a de que não é possível ser igualmente forte em toda a frente que compreende o porto, suas praias e áreas adjacentes. Então, é preciso encarar a questão de modo a ter partes que, pela sua importância, sejam bem defendidas e outras apenas guardadas, deixando o resto da zona que constitue o porto sob o regime de méra vigilância, mas vigilância ativa e permanente.

A defesa de um determinado porto é atribuída a um chefe designado comandante do porto e que coordena todos os meios postos á sua disposição para esse fim. Ao assumir essa importante função, seu primeiro cuidado deve consistir em compenetrar-se nitidamente da missão que lhe cabe, afim de poder cumpri-la como é preciso.

O melhor caminho para um chefe compenetrar-se de sua missão, consiste em analisá-la a fundo, sob o ponto de vista objetivo e de acôrdo com as diferentes hipóteses que cada caso particular pode admitir. Interpretada convenientemente a

missão, é feito após o estudo do inimigo, encarando-se suas possibilidades reais de desembarque, de ataques aéreos e capacidade de manobra, procurando tudo prevêr para que êle, inimigo, não consiga pôr o pé em terra.

Concluído o exame do inimigo, o chefe estuda o terreno, para fixar quais os pontos mais favoráveis não só à defesa, mas ainda a um ataque vindo do mar e coroado por possível desembarque. Finalmente, passa a balancear os meios de que dispõe, máu grado a superioridade que o inimigo possa oferecer-lhe para impedir o cumprimento da missão.

Uma idéia que deve ficar bem frisada e bem sedimentada no sub-consciente de qualquer chefe encarregado da defesa de um porto, é a de que não pode haver a idéia preconcebida de recuo ou rendição. Sendo um porto um ponto vital do território atacado e que contém valiosas utilidades, todos os esforços devem ser feitos para não entregá-lo ao inimigo.

Mas para isso, é necessário que o comandante de porto disponha de todos os meios indispensáveis ao cumprimento da missão, pois, com abundantes recursos e a idéia de defesa a todo custo, não será difícil impedir que o inimigo mesmo bem equipado, efetue uma operação de desembarque com êxito.

O que pode acontecer é o porto ser atacado, para fins de neutralização, enquanto outros órgãos operam o desembarque em pontos próximos, como uma praia ou enseada. Daí, a necessidade de estudar e conhecer todos estes pontos favoráveis aos desembarques, afim de estabelecer, para cada um, o plano de defesa conveniente e adequado.

Dada a importancia que apresenta, o comando de um porto é quasi sempre entregue a um oficial general. Para auxiliá-lo nessa delicada tarefa, é constituído um E. M., que não deve ser muito volumoso, pois o comandante do porto é, na maioria das vezes, subordinado a um comando territorial, superior, que superintende todas as questões relativas ao território (transportes, recrutamento, requisições, etc.). Basta constar

apenas, nesse E. M., como órgão auxiliar do comando, o seguinte pessoal :

- oficial superior de E. M., chefe, (de preferência com o curso de artilharia de costa);
- duas secções de E. M., para as questões de operações, efetivos, informações, etc., com o número de adjuntos estritamente necessários ao funcionamento desse E. M. (mirim), que, dependendo de outro E. M., (assú), terá seus trabalhos muito aliviados.

O comando da defesa de porto não disporá de órgãos de *Serviços*, na verdadeira acepção que o vocábulo admite. Terá apenas representantes dos órgãos fornecedores de armamento, munições, material de transporte, etc.

Para o exercício da função, o comandante do porto dispõe de um Q. G., assás reduzido e destinado a atender às necessidades mais prementes da administração, dos serviços correntes e dos diversos reabastecimentos e transportes. Além deste Q. G., existe outro elemento, porém, com finalidade completamente distinta e que se chama "P. C. e P. O. de combate", isto é, um órgão que dispõe de todos os elementos em pessoal e material para fins exclusivos de combate, devendo, por isso mesmo, ficar de todo alheio às questões burocráticas e do serviço corrente.

O P. C. e P. O., geralmente justapostos para facilitar o exercício do comando, são organizados desde o tempo de paz, de acôrdo com os requisitos mais modernos que regulam êsse momentoso assunto.

Feitas estas ligeiras considerações sobre os elementos de comando de um porto, vejamos agora a tropa encarregada da defesa e que, portanto, fica sob as ordens imediatas do Cmt. do porto.

Essa tropa é numerosa e constituída de muitos elementos, todos êles especializados em tarefas bem definidas e importantíssimas. Em princípio, a tropa que constitue a defesa de um

porto é representada pelos elementos abaixo, pertencentes à artilharia de costa, propriamente dita, além de outros que citaremos à parte :

- unidades de artilharia de costa, fixas ou móveis, de diferentes calibres;
- postos de sondagem meteorologica;
- unidades de minas controladas;
- unidades de projetores;
- unidades de minas controladas;
- unidades de defesa contra agentes químicos;
- unidades de localização pelo som.

Além destes elementos especializados, o exército ainda emprega, na defesa de porto, todos os outros meios de que dispõe, dentro da área ou nas adjacências deste, meios esses constituídos de tropas de infantaria, cavalaria e engenharia, bem como da artilharia de campanha. Para coordenar o emprego destas tropas, é constituído um comando especial, denominado comando da tropa móvel do porto, subordinado ao comando deste e tendo por missão precípua :

- vigilância do litoral e do interior, compreendidos na zona de ação que lhe for destinada;
- atuação dentro desta mesma zona contra quaisquer tentativas de desembarque do inimigo (navais e aéreos), sobretudo nas praias que facilitem tais operações.

Essencialmente móveis, estas tropas são dotadas de meios de transportes bastante rápidos, ficando a localização delas na dependência de sua atuação, dentro da área do porto em que se acharem.

Além do comando da tropa móvel, é organizado, também, o comando da tropa anti-aérea do porto, subordinado ao comando da defesa do porto e encarregado de coordenar o emprego

da artilharia anti-aérea e dos órgãos especializados na defesa passiva anti-aérea e dos órgãos especializados na defesa anti-aérea, dentro da zona de ação do porto.

Para completar o conjunto e desde que existam meios suficientes, são ainda organizados no porto os seguintes comandos :

- comando naval local;
- comando da fôrça aérea local;

O comando naval local cuida das seguintes missões:

- defesa passiva submarina;
- minagem (1) e varredura;
- patrulhas marítimas;
- ataque.

O comando aéreo local tem a seu cargo as seguintes missões :

- vigilância e reconhecimento afastado;
- caça e bombardeio;
- observação e regulação do tiro.

Para que exista unidade de direção entre as fôrças aéreas, terrestres e navais, dentro de um porto, é logico e intuitivo que exista um responsável para coordenar o emprego desses meios. Por sua vez,, se o porto estiver incluído dentro de um setor ou sub-setor, é também intuitivo, curial e lógico, que o comando dos órgãos de defesa do porto seja subordinado ao comando do setor ou sub-setor onde se acha incluído.

Todos os comandos, acima enumerados, são entregues, desde o tempo de paz, a chefes bem conhecedores dos problemas que lhes incumbem, pois, não se podem improvisar fun-

(1) — Sómente minas de contato, pois as controladas, como já se disse acima, são manejadas pelo exército.

ções complexas, onde entram em jogo meios tão variados e tão numerosos.

Outra, quando não se dispunha ainda de aeronáutica, o problema era mais simples. Mas, à proporção que a técnica evoluiu e os meios de combate se tornaram mais numerosos, o problema da organização destes comandos se tornou bem interessante, acarretando soluções mais complicadas de que em antanho, quando os combatentes não dispunham do material que existe hoje em dia. O problema do comando é um problema tático e de organização. Com o progresso atingido pelos meios de combate modernos, é muito difícil saber onde começa ou termina a tática, para se entrar puramente no domínio da organização.

Ambas estão de tal maneira ligadas, que uma não subsiste sem o concurso da outra. E' também mui certo que a tática evolue em função da organização. E só se pode adotar uma boa tática, depois de bem resolvidas todas as questões ligadas à organização.

E, dentre estas, avulta em primeiro plano a da organização dos comandos, sejam êles de que natureza forem.

Em muitos países, como nos Estados Unidos da America do Norte, os comandos dos principais portos, previstos desde o tempo de paz, são entregues ao exército, sendo esta, também, a tendencia entre nós, visto ser o exército que dispõe de maior força para esse fim. A bem da verdade, diga-se que, no passado, os portuguezes não puderam cogitar devidamente desses problemas, pois, no início da colonização não existiam forças em número suficiente para guarnecerem o extenso litoral da colonia. Só depois da chegada de Tomé de Souza, é que começaram a cuidar da organização das tropas e milícias que aqui deviam servir e, assim mesmo, sem uma idéia de defesa bem concebida.

No entanto, já no tempo de Mem de Sá, os soldados lusos e os nativos tiveram ensejo de enfrentar os francezes que, ao mando e Villegaignon, aqui haviam aportado, com tenções de

se assenhorarem da formosa baía de Guanabara, excelente base de partida para se infiltrarem pelo resto do território de Arribóia. Graças ao patriotismo de Mem de Sá e dos seus leais servidores, a audaciosa empresa da França' Antartica não foi adiante.

Decorreram-se os anos e os cuidados pela segurança do imenso torrão não foram muito elogiáveis, do ponto de vista militar. Duclerc e Duguay Trouyn, são outros tantos casos da desídia que então reinava. E não se diga que era justificável tal procedimento, pois a invasão dos holandeses, ao norte, já devia ter trazido farta messe de ensinamentos. Datam mais ou menos dessa época, as construções das fortificações portuguesas ao longo do litoral, principalmente à entrada de alguns portos, como os da Bahia, do Nordeste e do Rio de Janeiro, mas isso não era suficiente, pois não se cuidava de adotar um dispositivo de tropas capaz de atender à eventualidade de um desembarque, fóra do alcance dos fogos destas fortificações.

Méro pirata, ao mando de Luiz XIV, a façanha de Duclerc ainda hoje nos deixa estupefatos. Como relatam as crônicas da época, esse famoso corsário tentou primeiro forçar a entrada da barra do Rio, com uma pequena esquadra. Repellido, procurou abrigo na Ilha Grande, de cuja base lançou mais tarde, trinta dias depois, um desembarque de cerca de mil homens em Guaratiba. Esta fôrça, agindo em combinação com a esquadra, poz-se em marcha sobre a capital entregue à indecisão de Francisco de Castro Morais. Não fosse o patriotismo dos habitantes da cidade, auxiliados por alguns batalhões de milícias, por certo maiór teria sido o labéo a pesar sobre os ombros do Governador de Morais (2).

Desse incidente, vem mais ao caso assinalar a desídia dos responsáveis pela defesa da cidade, que, naquela época, já devia possuir um serviço de informações e vigilância devidamen-

(2) — Sôbre a invasão de Duclerc, veja-se o interessante documento publicado em o n.º 254 da Defesa Nacional.

te organizado, pois, a permanência de Duclerc na Ilha Grande, não constituía surpresa para ninguém. E o incidente não valeu de nada. Para vingar o massacre de Duclerc e seus asséclas, nova esquadra, ao mando de René Duguay Trouyn, forçava a 12 de setembro de 1711, a barra do Rio, onde fundeou na antiga praia Grande, hoje Niteroi.

Apesar de saber com antecedência dos preparativos e propósitos desta invasão, o mesmo Castro de Moraes não se portou à altura de seu posto, entregando a população ao saque do invasor. Para maiór vergonha dos defensores da séde do governo, o comandante das fôrças navais que guardavam o porto, Gaspar da Costa Athayde, o "Maquinez", como era conhecido, assim que soube do desembarque dos franceses, mandou incendiar quasi todos os navios surtos no porto...

Aos curiosos da história pátria, chama hoje em dia a atenção o mapa existente nos arquivos, sobre a situação das fôrças francesas e coloniais, na tarde do aziago dia 12 de setembro de 1711. Nesse mapa, nenhum pormenór fôra esquecido. Nêle figura tudo, até a previsão de um campo para recebimento dos fujões, nas imediações da enseada do Cajú...

Aos indecisos defensores da opulenta baía de Guanabara, não se poderia escolher melhor esconderijo do que o local em que se ergue hoje a necrópole de São Francisco Xavier...

O mais interessante é que o corsario gaulês simulou com sua esquadra, mais numerosa do que a colonial, um ataque à Praia Grande, nas alturas da atual praia de Gragoatá e efetuou o ataque e depois o desembarque, isso tudo impunemente,

pela ilha das Cobras. Ao menos, é o que se depreende do exame do mapa a que acima se fez menção.

— . . . —

Algum tempo depois de rabiscar estas notas, perguntei de mim para comigo: devo divulgar tal trabalho, tão corriqueiro e banal?

A pergunta não foi de pronto respondida e a consciência entrou em choque com o bom senso. Para não fatigar o espírito, deixei-a de lado e guardei minhas notas no arquivo.

No outro dia, relendo a incomparável obra do Exmo. Sr. Gen. Tasso Fragoso, encontrei resposta à pergunta que tanto me atormentava e a qual, com permissão do eminente mestre, transcrevo no final de meu esforço: "Praza aos Céus que este meu modesto ensaio anime outros camaradas mais competentes a elaborar a solução definitiva do problema que enfrentei, em prol da instrução dos jovens oficiais e sem temor das minhas imperfeições!" (A Revolução Farrroupilha - 1.835/45).

Rio, em 5 — I — 44.



NÃO obstante todas as dificuldades causadas

pela guerra, a Anglo-Mexican mantém as suas filiais e agencias para a venda dos produtos SHELL de Norte ao Sul do país, cooperando e tudo fazendo no sentido de bem servir ao Governo e as industrias nacionais.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRACA 15 DE NOVEMBRO, 10 - RIO DE JANEIRO - RUA DR. FALCÃO FILHO, 24-B - SÃO PAULO